

“A VOLTA DOS SETE KILÓMETROS”



clube de portugal



A minha paixão por automóveis e sobretudo pelo “desenho” dos automóveis já vem de há muito tempo... e muito cedo... com quatro, cinco anos fazia as delícias do meu pai junto de familiares e amigos identificando qualquer marca ou modelo sem hesitações, apesar da pouca idade que tinha.

Observando e registando pormenores, diferenças e pequenos detalhes entre as marcas e modelos da época, este meu “saber” já ia dos “carros” europeus aos poucos modelos americanos que via circular nas viagens de família, diferenciando para além dos vários modelos algumas diferenças técnicas como... “motor de quatro cilindros”... “motor de seis cilindros”... “em linha”... “em V”..., etc.

Perseguindo sempre a evolução de cada marca ou modelo e ouvindo as conversas dos crescidos, marquei “pontos” na escola ao teorizar entre colegas sobre

todos os “carros” que via, mostrando tudo o que conhecia e “inventando” o que nem sempre sabia.

Anos mais tarde e já a viver em Lisboa para fazer o sexto ano e iniciar os estudos em Belas Artes, o vasto mundo de modelos e marcas que via circular na capital era bem diferente dos que habitualmente via na província ou quando viajava em família e se os horizontes se alargaram no que respeita ao conhecimento mais vasto dos automóveis, o acesso a outros conhecimentos mais técnicos também.

A grande paixão por “carros” ingleses definiu-se... o acesso à informação possível ajudou... e com os meus dezasseis anos e ainda sem carta “namorei” meses a fio um “Midget” vermelho para o qual não tinha dinheiro e que caprichava em ficar esquecido num stand de carros em segunda mão, na conhecida rua Filipa de Vilhena ao Arco do Cego.



clube de portugal

“A VOLTA DOS SETE KILÓMETROS”

Apesar de ainda não ter carta nem dinheiro para ela... aprendi os primeiros passos na condução aos oito anos... nas “Volkswagen” da frota do meu pai...mais conhecida por “pão de forma”... encostado ao banco corrido para chegar aos pedais... pendurado no volante horizontal para não escorregar... descobrindo as primeiras dificuldades em coordenar tudo o que é preciso para conduzir.

Foi meu cúmplice nestas “andanças” um dos colaboradores do meu pai a quem presto a minha gratidão neste pequeno texto... de seu nome “Rocha”... que perante todo o meu entusiasmo e saber sobre os “carros”, me sentou ao volante e sem hesitações, sem medos, me ensinou a “arrancar”... a “travar”... a “manobrar”... e por fim a “circular”... primeiro num parque de estacionamento e depois em pequenos trajectos em estradas secundárias do concelho onde nasci.

Segredo bem guardado entre os dois... um dia já com os meus treze anos... em tempo de férias grandes...meu pai conduzia ao fim do dia... cansado... e ao entrarmos nas estradas da mata do conhecido pinhal de Leiria a caminho de S. Pedro de Moel, perdi a vergonha e o medo e desapareí... “se o pai quiser guio eu”..., e perante o seu espanto e um certo desdém, eu disse a medo...”o Rocha ensinou-me a guiar”!...

Incrédulo..., curioso... mas achando graça quis sentar-me ao colo para então conduzir, mas respondi de imediato que “sabia guiar... e sabia fazer tudo”!... e muito intrigado... meu pai passou a “pendura” e eu lá arranquei para S. Pedro de Moel perante o seu nervosismo e largos conselhos sobre “curvas”... através das estreitas estradas que cruzam todo o pinhal de Leiria, consideradas na altura como estradas particulares, onde a policia não tinha ainda jurisdição.

Já com dezoito anos e razoáveis conhecimentos sobre a história do MG, aconteceu-me o verdadeiro “percalço octogonal” no dia em que um colega de curso do meu irmão mais velho, aparece na casa de S. Pedro de Moel, em pleno mês de Agosto, num MG B absolutamente British Racing Green..., jantes de raios... oferta do seu pai... novinho em folha!...

A inquietação instalou-se..., banhos de mar nem pensar... lá namorei o carro toda a manhã e tarde... e já sem aguentar “disparei” como de costume ao amigo do meu irmão... ”guio desde os oito anos e gostava de dar uma volta, ao que ele não reagiu nem tão pouco acreditou e com uma irresistível vontade “octogonal” voltei a insistir... também como de costume... e felizmente que o meu pai ouvindo a conversa salvou-me... explicando que há uns anos a esta parte... sempre que entra nas estradas da mata, passa-me o volante e sou eu quem conduz!...

Argumento sobre argumento, insistência sobre insistência, quase inexplicavelmente as chaves vieram parar-me às mãos e perante a palidez do proprietário deste primeiro MG que conduzi... arranquei sozinho... num MG imaculado... novo em folha... ao fim da tarde... atravessando S. Pedro de Moel e iniciando este meu primeiro trajecto pela célebre “volta dos sete quilómetros”... percurso lindíssimo e bem conhecido por quem aqui passa férias e que termina numa “marginal” junto ao mar, que passa pelo farol onde o pôr do sol é programa de fim de tarde para veraneantes.

Demorei alguns anos para voltar a entrar num MG, outros tantos para finalmente comprar um, mas a sensação deixada pela minha “volta dos sete quilómetros” ficou para sempre... a dedicação e paixão pela história da marca manteve-se inalterável e daqui ao MG Club de Portugal foi um passo curto e inevitável... que com a ajuda de alguns entusiastas e amigos, foi possível criar aquele que ainda hoje é o mais antigo clube de marca em actividade no país.

Esta foi a minha inesquecível “volta dos sete quilómetros”... este texto é o meu tributo ao “Rocha” e quanto a Cecil Kimber..., uma saudação muito especial pelo inesgotável espírito que perdura nas suas “octogonais” criações.

Carlos Galamba

Sócio nº95